

**Primeiros Escritos****As relações intergeracionais na pandemia e receitas familiares**

*Adriana Carajoinas  
Bruno Braitt  
Guilherme Gomes  
Isadora Eivazian  
Luísa Parolin  
Pedro Dreger*

**B**olo de milho, massas frescas, molhos suculentos, doces e quitutes, quem ao sentir o cheiro dessas delícias não se transporta para perto dos seus amados parentes? Esse é apenas um dos poderes que a cozinha tem sobre nós, afinal de contas, é lá que passamos a maior parte dos nossos dias na quarentena. Antes de qualquer coisa, é importante lembrar a culinária como uma expressão de cultura, e as receitas como uma forma de memória social, na qual as relações de hierarquia como a estrutura patriarcal, que perpassa nossa sociedade, são reproduzidas e, ao mesmo tempo, se relacionam com o momento atual em que são preparadas.

A partir dessas noções, decidimos realizar essa atividade, - de receitas familiares - durante o contexto da pandemia da COVID-19 e analisar seus desdobramentos a partir de sua documentação. A cozinha une, transforma, tempera as relações, fortalece os laços e os afetos e tudo isso fica ainda melhor na presença de alguém que nos possa trazer conhecimento, técnicas, macetes e sensações que a internet e a era digital nem sonham em alcançar.

É o que observamos no mini documentário construído por nós: como as famílias estão estreitando seus laços nessa pandemia e o papel das receitas familiares nesse processo. É nesse lindo emaranhado de sensações que os conflitos surgem e são resolvidos com a leveza de uma boa massa típica italiana. Enquanto uma prefere anotar as receitas a outra prefere que sejam decoradas, enquanto um cuida do trabalho mais braçal o outro dos pequenos detalhes, enquanto uma cuida dos eletrodomésticos e eletroeletrônicos a outra não abre mão de sua tigela e suas mãos. E assim vão e vem, em um trabalho dialético e gostoso; os laços se fortalecem como em nenhuma outra ocasião.

As receitas são intergeracionais, assim como a relação ali construída. Passam de geração para geração e continuarão a passar - é um conhecimento que não cabe nos livros, somente em relação é que pode ser concretizado, ou melhor, cozinhado e digerido. Mas nem só de passado que se enche a pança. Os mais velhos também utilizam da internet para complementar e conhecer novas receitas, e é nesse campo que a geração mais nova pode auxiliar, tanto ensinando a geração anterior as novas regras do mundo, como também oferecendo todos os subsídios necessários para que o foco do trabalho seja o cozinhar.

Os participantes puderam entrar em contato com diversos recortes que perpassam sua questão geracional e familiar. Primeiramente, quanto aos mais jovens, tivemos uma quebra de preconceitos. Os velhos conseguiram demonstrar, por meio de sua coordenação na cozinha, que a eficácia do trabalho não é afetada pela idade, mas sim, a velocidade com que ele é feito devido a questões orgânicas envolvidas, e nas quais os jovens podem auxiliar, como no momento de abrir uma massa por exemplo.



Além disso, a questão da memória também se mostrou bastante evidente, já que as receitas evocavam lembranças essenciais no processo de individuação de ambas as

gerações que cooperavam no processo. Quanto a isso, a própria relação com a memória e os impactos da tecnologia também podem ser discutidos, porque enquanto as gerações mais jovens contam com o imediatismo para seguir receitas online, os mais velhos contam com os aprendizados da prática e uma memória a partir de medidas imprecisas, que resultam no sabor final dos pratos familiares.

Em adição, a questão de gênero também foi bastante descrita, a “responsabilidade” que muitas mulheres mais velhas expressaram em relação ao cozinhar e a despreocupação e desconhecimento de homens da mesma geração, mesmo que ambos pertencessem ao mercado de trabalho, é um exemplo de como a hierarquia social do patriarcado influenciou e influencia a relação com a comida dentro das famílias e, até mesmo quem irá entrar em contato com a continuidade das memórias presente nessas receitas.

Apesar disso, com as mudanças culturais que estão em andamento, graças a movimentos sociais como o feminista, é possível perceber maior contato masculino com esse tipo de memória, como observado na descrição do marido de uma participante, que encontrou um apreço pela cozinha e concluiu um curso de padeiro. Outro aspecto, também muito importante, diz respeito à quebra da noção geral de que cada geração, constituídas por diversas idades, é homogênea quanto aos seus valores o que se evidenciou pelo fato da relação com a comida de uma participante idosa ter sido desenvolvida junto ao seu pai, o que envolve também a questão do simbolismo da comida na cultura italiana, na qual ambos se inserem.



Quanto à experiência num contexto de pandemia, ela proporcionou uma quebra da rotina, dentro e fora da quarentena, de forma a desconstruir a posição de “cuidado” e “ajudado” do velho e restituir o papel daquele que comanda, por possuir mais conhecimento e experiências prévias. Já sobre as opiniões a respeito da experiência realizada, ela foi descrita de forma muito positiva, e demonstrou permitir o estreitamento de laços com a continuidade das receitas, perpassando a construção da memória e acatando novas maneiras de fazer a mesma receita, de acordo com a descontinuidade de cada geração.

Foi observada a sutileza com que a questão intergeracional se apresenta e a melhor forma de constata-la foi o diálogo durante a atividade de cozinhar, sendo ele necessário por conta da cooperação de criar algo junto com alguma outra geração. Por isso, não é a atividade em si, mas sim um objetivo/criação comum de uma interação que promove esse diálogo, englobando vários temas e recortes além do geracional durante a atividade cooperativa, como a questões culturais, de gênero, sociais, como cada um se insere em sua geração, entre outras.



Saindo um pouco da cozinha e partindo para outros ambientes, é importante lembrar e relembrar que o contato intergeracional deve ultrapassar a instituição familiar e ir pelo mundo afora. Nesse pequeno documentário, o que une os familiares não são as receitas em si, mas sim a conversa e o diálogo que o tempo juntos pode proporcionar. Nesse sentido, é importante destacar a importância e a necessidade de criar mais espaços intergeracionais por toda a comunidade, seja em parques, lugares de encontro, praças e uma infinidade de lugares que, muitas vezes, são pensados para apenas uma geração, mas que podem, e devem, ser pensados em diálogos intergeracionais.

Gostaríamos de, por fim, deixar um agradecimento especial a todos aqueles que aceitaram fazer parte dessa experiência enriquecedora e deliciosa conosco!

**Documentário:**

<https://www.youtube.com/watch?v=axm6ZfzIE4g>

## Referências

AMON, D. & MENASHE, R. Comida como narrativa da memória social. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.1, jan/jun. 2008.

LIMA, J. F. O. Receitas Culinárias de Família como Expressão de Cultura. *Revista estação científica*. N. 7, 2015.

BORELLA, J.F. Um estudo sobre Memória e Consciência Política em diálogos Intergeracionais. *Tese doutorado*. Programa de *Psicologia- PUC-SP*, 2019.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 205-224, 2010.

FERRIGNO, J.C. O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária. *Tese doutoramento* defendida no Programa de Pós-Graduação em *Psicologia Social* da USP, 2009.

DA MOTTA, A.B. Gênero e Geração: de articulação fundante a “mistura indigesta”. *Imagens da mulher na cultura contemporânea*, p. 35, 2002. *Quiz Palmore*.

REVISTA LONGEVIVER, n. 28 (2012) - ANO III - *Edição Especial: Relações Intergeracionais*. - “A cooperação como estratégia em práticas intergeracionais” - Cristina Lima

*Data de recebimento: 18/11/2020; Data de aceite: 20/02/2021*

---

**Adriana Carajoinas, Bruno Braitt, Guilherme Gomes, Isadora Eivazian, Luísa Parolin e Pedro Dreger** – Alunos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, curso de Psicologia, na eletiva *Relações Intergeracionais mediadas pela Tecnologia*, que teve como docente a profa. Beltrina Côrte, no segundo semestre de 2020, durante a pandemia.

*Fotos: imagens extraídas do vídeo produzido pelo grupo.*